

Momento brasileiro seduz expatriados

João Paulo Freitas

O aquecimento da economia do Brasil tem provocado mudanças nos planos de carreira dos executivos que até pouco tempo buscavam experiências em países desenvolvidos. Agora, os brasileiros outrora expatriados são chamados para conduzir empresas em expansão no País ou para ajudar companhias nacionais em seus planos de internacionalização. E aceitam, sem pestanejar. Assustados com a crise americana, eles - mais do que nunca - querem mesmo é voltar para casa.

Rodrigo Fittipaldi é um desses viajados gestores, que agora aportam em solo brasileiro. Contratado pelo sul-africano Standard Bank para atuar na área de mercado de capitais, em Nova York - mas com foco no Brasil -, ele acaba de voltar ao País, depois de dois anos e meio nos Estados Unidos. Passou a atuar como chefe de mercado de capitais. "O meu retorno ocorreu porque o Brasil está crescendo", afirma. "O banco tem uma estratégia global de crescimento, e é focado em mercado emergentes."

Ou seja, a atual pujança econômica foi decisiva para o retorno. "Como o País está crescendo, havia a necessidade de gente para trabalhar aqui. Passou a fazer mais sentido estar aqui do que estar em Nova York", revela. "Por trás da minha vinda está a crença do banco de que o Brasil é um mercado que vai se desenvolver muito fortemente no médio e longo prazo", destaca.

Para o sócio-diretor da consultoria Korn/Ferry International, Sam Osmo, há dois fatos por trás de histórias como a de Fittipaldi. Primeiro: a instabilidade financeira dos Estados Unidos e da Europa. "Isso tem afetado a remuneração variável dos executivos que estão lá fora", revela. O desconforto da situação tem feito alguns executivos olharem para o Brasil e perceber que, por aqui, a situação ainda está sob controle. "Muitos têm se mostrado mais dispostos a voltar. É isso ocorre em todos os setores, mas principalmente no financeiro."

Outra razão para a volta dos executivos é que as companhias brasileiras com presença no exterior precisam de executivos com experiência internacional. "São empresas que estão expandindo e, por isso, buscam esses executivos para ajudá-los no processo", diz.

Segundo Osmo, esses dois aspectos estão fazendo com que os brasileiros com dois ou três anos de experiência nos Estados Unidos ou na Europa estejam na mira dos headhunters. "O fenômeno começou a tomar corpo há um ano, mas se intensificou nos últimos seis meses", indica. "Há dois anos esse movimento era zero", completa.

São diversos os segmentos nos quais o Brasil tem apresentado evidente crescimento, como mineração, siderurgia e aviação. Um setor da indústria altamente internacionalizado e no qual o Brasil tem progredido é a área petrolífera. Segundo Marcelo Lavall, gerente da divisão de engenharia e óleo e gás da Michael Page, os profissionais que atuam na operação petrolífera no Brasil podem perfeitamente atuar nos Estados Unidos ou na Noruega, o que provoca uma mobilidade muito grande no setor. "O mercado de petróleo no Brasil está aquecido. Com o pré-sal, acho que muitos brasileiros que estão no exterior serão convidados a voltar."

Conforme Lavall, com a exploração do pré-sal as empresas precisarão investir em mão-de-obra e treinamento. O fato é que a exploração de petróleo aumentará muito nos próximos anos. Ao mesmo tempo, as operações no exterior fora estão aquecidas. Assim, não será fácil atrair profissionais, e a tendência é que os salários aumentem. "No passado, havia uma grande motivação para o profissional da área sair do País: uma remuneração maior. Hoje isso não existe mais. O mercado de petróleo, mundialmente, tem salários equalizados", analisa Lavall. Por isso, o setor tem muita mobilidade, tanto de estrangeiros para o Brasil quanto de brasileiros para o exterior. Lúcio Pedroso, responsável pelo inventário de plataformas brasileiras da Pride, uma das maiores empresas de perfuração do mundo, atuou em Angola por dois anos, pela Halliburton. Após recebeu uma "proposta irrecusável" da Pride, decidiu voltar, para ficar próximo da família. Para ele, é muito vantajoso para os expatriados voltar ao Brasil,

principalmente pelo momento econômico. "O retorno permite alavancar a carreira com apenas dois três anos fora do País", conclui.

Artigos complementares:

Executivos financeiros fogem dos EUA

Os profissionais que atuam em finanças nos Estados Unidos estão debandando do País, devido à crise norte-americana. Entre eles, há brasileiros. "Nos últimos dez dias recebemos contatos de mais de 20 profissionais querendo voltar para Brasil", diz o gerente da divisão de bancos da Michael Page, Bernardo Cavour.

O problema é que esse retorno pode não ser tão simples. "Eles terão que ter resiliência e flexibilidade para aceitar pacotes financeiros menos atrativos do que tinham ou até mesmo aceitar cargos no segundo escalão do mercado", avisa. Aqueles que não aceitarem essa condição precisarão, segundo Cavour, ter paciência e esperar que o mercado retome o crescimento. Porém, esse é apenas um dos aspectos sobre o refluxo de executivos da área para o Brasil. A movimentação é sentida desde o ano passado, quando a economia brasileira continuou crescendo e se passou a ter boas oportunidades para os profissionais da área, em comparação às existentes em mercado maduros. "Detectamos desde 2007 esse aumento na procura. Em certas áreas, o mercado brasileiro está mais atrativo do que o de Nova York ou o de Londres", assegura.

Foi só nas últimas semanas que o cenário começou a dar sinais de mudança. Até então, os bancos de investimento e o mercado de capitais estavam muito aquecidos. Mas, com a turbulência provocada pela recente crise, a situação ficou definitivamente complicada para o setor nos Estados Unidos. Assim, não surpreende que alguns queriam voltar ao Brasil. "Lá fora, o mercado está muito pior do que aqui. Alguns profissionais estão com a perspectiva de serem desligados do emprego e verem a empresa em que trabalham fechar as portas", explica o consultor.

Segundo ele, no próprio site da Michael Page houve um aumento no número de executivos interessados em vir trabalhar no País. "Existe até um certo movimento de profissionais estrangeiros interessados em trabalhar no Brasil."

Artigos complementares:

Em busca de novos desafios para a carreira

O País também tem atraído talentos pelos desafios impostos pela expansão econômica. Este é o caso do atual responsável pelo RH da Claro, Sérgio Piza. Em 2004, quando estava na Kraft Food, ele foi transferido para Chicago. Pela empresa, ele visitou países como Polônia, Áustria, Argentina, México, China, Alemanha, Inglaterra e Eslováquia, entre outros.

Seu retorno ao País, em meados de 2007, porém, se deu por vontade própria. "O Brasil me parecia o lugar mais emocionante para fazer o que mais gosto: buscar talentos."

Após a volta, Piza participou da seleção da Claro, o que, segundo ele, era tudo o que buscava: uma companhia nacional que estivesse crescendo "violentamente" e que "precisasse de um profissional com experiência internacional". "Vi que o Brasil era o país que me oferecia as melhores condições profissionais", entusiasma-se. "Percebi que somos a bola da vez."

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 6 out. 2008, Empresas & Negócios, p. C11.